

A INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Claudiane Maria da Silva¹

Edivani Ferreira da Silva²

Ma. Kathia Maria de Melo e Silva Barbosa³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo identificar se e como a prática de Contação de Histórias pode contribuir na formação de crianças da Educação Infantil como leitores. Sabendo da importância desta prática realizamos nossa pesquisa em uma instituição da Rede Municipal do Recife buscando certificar suas contribuições. Neste sentido, realizamos um estudo de caso, por meio de observações e entrevistas, alinhando a nossa apropriação teórica a partir da revisão da literatura com o material colhido e registrado por ocasião do trabalho de campo, concluímos que a contação de histórias é de fato um forte instrumento para a formação não apenas de leitores, ao tempo em que corrobora com o desenvolvimento social e cultural das crianças da Educação Infantil, como um todo.

Palavras-chave: Contação de histórias; Educação Infantil; Leitores.

Introdução

Este artigo objetiva apresentar o processo investigativo realizado sobre a influência e os efeitos que a Contação de Histórias, como atividade pedagógica, pode desenvolver em crianças de 5 anos (de uma creche da Rede Municipal do Recife) na Educação Infantil, de tal maneira que elas venham a se constituir como leitores. Neste sentido e ratificando nosso objetivo de pesquisa, buscamos compreender como essa prática pode ajudar na formação desse futuro leitor, desenvolvendo o gosto pela leitura, não só como um processo didático e obrigatório, mas como um despertar para leitura, através uma prática deleitosa.

1 Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. allanis18rock@gmail.com

2 Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. edvaniferrister@gmail.com

3 Mestra e Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino – Centro de Educação – UFPE. katuchao@yahoo.com.br

A nossa curiosidade investigativa, surgiu a partir de nossas experiências como estagiárias, na referida creche, onde percebíamos nas crianças uma alegria e uma participação ativa no momento da Contação de Histórias. E foi reforçada, após assistirmos uma palestra com a professora (um dos sujeitos da pesquisa), cuja temática parecia reforçar as nossas primeiras impressões. Assim, sentimos um interesse maior em investigar esta prática e melhor identificar as possíveis contribuições que fomentam no desenvolvimento da criança leitora. Estamos de fato convencidas, baseadas em ABRAMOVICH (1987), RITER (2009), BRANDÃO e ROSA (2010) de que a contação de histórias é um momento e uma atividade importante para o desenvolvimento da criança, tanto na formação do leitor, como no processo cognitivo. Assim nos atesta ABRAMOVICH (1987), ao afirmar que, ao ouvir histórias a criança é estimulada em vários aspectos criativos, desenvolve habilidades de desenhar, pensar, teatralizar, brincar, escrever e criar. Ou ainda, segundo RITER (2009), Contar histórias é o primeiro passo para formação de leitores. Diz ele: o “Era uma vez” institui uma nova atmosfera, um novo universo, ele suscita o imaginário, abre espaço para a fantasia, estimula a curiosidade reveladas em forma de perguntas sobre o mundo “contado” e o mundo “real”, além de possibilitar releituras dos mundos com vistas a solucionar questões. Para investigar todo esse processo de construção que a referida prática pode desenvolver, realizamos uma pesquisa qualitativa, através de um estudo de caso, onde elencamos como objetivos para nossa pesquisa a descrição da prática de contação em sala de aula na rotina das crianças durante e após o momento de contação de histórias, além de caracterizar o trabalho da professora, investigando o interesse e a iniciativa das crianças pela leitura como consequência desta prática. Assim, apresentamos ainda que sucintamente, como foram realizadas as coletas e as análises dos dados, realizados a partir de uma análise de conteúdo. Tais resultados são explicitados nas considerações finais, elucidando assim, nosso objeto de pesquisa.

1 – A origem da Educação Infantil

Dentro do universo pedagógico escolar, a prática de contação de histórias se faz mais presente na Educação Infantil, cuja origem é muitas vezes confundida com a história social das crianças, haja visto, que logo após o desmame eram vistas como adultos em miniatura e que não necessariamente precisariam da ajuda dos adultos, neste sentido e inversamente, as crianças é que teriam que ajudar os adultos nas tarefas do cotidiano. De acordo com OLIVEIRA (2005), o desenvolvimento científico, a expansão comercial e as atividades artísticas ocorridas no período do Renascimento estimularam o surgimento de novas visões sobre a criança. Essas transformações sociais e culturais mais adiante possibilitaram o surgimento de novas concepções de ensino e do próprio conceito de infância.

A ideia de instituições especializadas no cuidado com a criança surge como uma das grandes mudanças sociais e econômicas causadas pelas guerras e pela Revolução Industrial em todo o mundo, provocando uma mudança na organização familiar e doméstica, de tal maneira que as mulheres iniciaram-se no trabalho extradomiciliar. Elas teriam que contribuir com o sustento de sua prole, deixando os afazeres domésticos para um segundo plano e como consequência surge às primeiras escolas de educação infantil e creches, na Europa expandindo-se para o mundo. Até 1920, as instituições apresentavam um caráter filantrópico, portanto, assistencial, já na década de 1930 a educação passa a significar ascensão social, passando também, a se preocupar com a saúde e a higiene, objetivando a diminuição da mortalidade infantil, que segundo KRAMER (1987), após a Segunda Guerra Mundial é que alguns fatores vão se combinando, acarretando valores e promovendo a expansão da pré-escola, apresentando características de caráter assistencialista e compensatório, e com tais propósitos ela se expande para além da Europa. Hoje, a perspectiva da Educação Infantil se modificou deixando de se mostrar algo compensatório, passando a se mostrar como etapa da Educação Básica e apresentando a merecida importância, passando a ocupar destaque dentro do universo educacional.

1. 1 – A origem da Educação Infantil no Brasil

No Brasil, os problemas sociais e políticos enfrentados pela população, no cotidiano do país durante todo o período que antecede a República não contribuíram para a evolução do ensino, visto que a educação em nosso país sempre foi alvo de muito descaso desde o período Colonial até os dias atuais. A ideia de Educação Infantil, ou melhor, de Jardim de infância, aparece através das concepções da Escola Nova propostas do John Dewey e de acordo com OLIVEIRA (2005) não foi bem aceito, gerando muitos debates que atribuíam críticas por identificar no modelo, as chamadas salas de asilo francesas, vistas como locais de guarda e caridade. Com o passar do tempo o atendimento a crianças de 0 - 6 anos na Educação Infantil se dá de uma forma precária e com caráter assistencialista, e que, de acordo com OLIVEIRA (2005), as creches são vistas como um mal necessário, planejadas como instituição de saúde que visavam apenas cuidados com a saúde da criança. A partir da Constituição Brasileira de 1988, o Estado reconhece que o atendimento a crianças de zero a seis anos de idade em creches e escolas deve ser qualificado e ampliado, ou seja, a creche deixa de ser direito da mãe trabalhadora e passa a ser direito da criança. Tal medida, não pode ser entendida como erradicadora do caráter assistencialista que sempre envolveu a Educação Infantil, esta perspectiva assistencialista só vai perdendo força após a promulgação da LDB 9.394/96, que insere políticas públicas, como no Art. 30. A Educação Infantil será oferecida em:

- I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
 - II – pré-escolas, para as crianças de quatro a cinco anos de idade.
- (BRASIL, 2013)

A partir desta LDB, crianças de zero a cinco anos podem frequentar um espaço pedagógico com o intuito de desenvolver a autonomia, as relações afetivas na interação com os outros e aprender de uma forma lúdica.

Desde então, a construção e ampliação de creches públicas vêm crescendo e se consolidando de uma maneira positiva, no Brasil, e assumindo efetivamente o seu caráter pedagógico. Servindo como espaço de disseminação de ideias e teorias que promovam uma prática de ensino na Educação Infantil com melhor qualidade. Antunes (2007) destaca que:

Houve um tempo em que era extremamente nítida a separação entre o brincar e o aprender. Os momentos de uma atividade e os momentos de outra eram separadas por rígido abismo e não se concebia que fosse possível aprender quando se brincava.

Assim as creches e escolas de Educação Infantil hoje, são convocadas a desempenhar duas concepções muito importantes, educar e cuidar, relacionando higiene, alimentação, ao desenvolvimento intelectual, motor, social, ambas consideradas igualmente importantes para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicossocial das crianças. Concluindo com RCNEI (BRASIL, 1998) é através das instituições de Educação Infantil que se abrem ambientes propícios para a criança desenvolver-se integralmente, as instituições de ensino não podem ser um espaço apenas assistencialista e sistematizado, mas um lugar que contribua para o desenvolvimento pleno de uma criança, desde suas habilidades intelectuais e motoras à sociabilidade.

1. 2 – Creche – Lugar de educar e cuidar

O modelo assistencial sempre esteve presente na creche desde sua institucionalização, onde o espaço apresenta apenas a função de cuidar, uma função voltada para a higienização e ocupação de tempo das crianças sem nenhuma ação voltada para o desenvolvimento pedagógico, intelectual e motor. A ideia de que creche é lugar de desenvolver o intelecto e outras habilidades é mais atual, se desprende das velhas práticas ligadas só ao cuidar, pois este espaço, hoje, é visto com as mesmas funções de outras instituições que oferecem outras etapas da Educação Básica, o de educar além do cuidar. O modelo assistencial praticado pelas creches no passado, não tinham a preocupação de inserir professores que contribuíssem integralmente com a formação das crianças, essa nova concepção ainda não é uma unanimidade, mas vem crescendo, pois, não adianta termos leis e referenciais que definam e norteiem as práticas pedagógicas se os postos de

trabalho não são ocupados por profissionais qualificados e se estes não procuram realizar seu ofício a contento. Considerando que a Educação Infantil é uma etapa básica do ensino, reconhecida pelo Sistema Educacional Brasileiro, e que é tão importante quanto às outras etapas, é *mister* que essa concepção assistencialista seja extinta totalmente para favorecer a ideia de creche como um lugar de desenvolvimento, aprendizagem significativa e formação humana. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), as propostas pedagógicas devem estar ligadas aos princípios éticos que envolvem a autonomia, a solidariedade e o respeito, nos princípios políticos como direito de cidadania e os princípios estéticos voltados para a sensibilidade, a criatividade e a ludicidade. Norteados a prática pedagógica nestes princípios, a creche deve se desprender das velhas práticas e buscar condições para as crianças interagirem com outras crianças, enquanto ser humano autônomo, pensante, independente e, portanto um cidadão de direitos. Ainda sobre o caráter pedagógico da creche, destaca OLIVEIRA (2007), que ela é uma instituição que pode atuar como espaço fomentador de promoção e transformação de conhecimentos elaborados através das relações sociais presentes na vivência cotidiana, construindo significados diversos sobre o mundo que as cerca, a partir do que fazem, do que pensam, do que imaginam, exercendo sua autonomia e desenvolvendo-se.

O reconhecimento da creche, enquanto espaço pedagógico, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), afirma que trata-se de instituições de ensino que devem possibilitar às crianças o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, a saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. Ou seja, dentro dessa perspectiva indicada pelas leis que norteiam esta modalidade de ensino, estão incluídas as práticas pedagógicas que possibilitem o pleno desenvolvimento intelectual da criança e dentre elas a Contação de Histórias no cotidiano da sala de aula. Ressignificando o lugar que antes visava apenas ocupar o tempo aparentemente ocioso entre atividades pedagógicas propriamente ditas. Aos poucos, com os estudos e pesquisas sobre ela, essa prática foi tomando outro sentido, mais pedagógico e construtivo porque

contribui para a formação da criança de forma geral e em especial da criança leitora e quando iniciada nos primeiros anos na escola ou creche parece ser mais eficiente.

1.3 – A origem da Contação de Histórias

A Contação de Histórias se faz presente nas práticas cotidianas da escola atualmente, como uma aliada, com direcionamentos pedagógicos para a formação de leitores, ao tempo em que cumpre a função de manutenção da memória de um povo, segundo RITER (2009), ela proporciona, portanto uma dupla função, qual seja a de preservar a cultura e de formar leitores. Rompe as fronteiras do “estudo obrigatório da leitura” configurando-se muitas vezes como momentos de lazer e prazer. Alguns teóricos afirmam que a experiência da Contação de Histórias é o primeiro passo para a formação de leitores. Cabe ressaltar que a tradição de reunir a família para contar e ouvir histórias tornou-se um momento raro e quase inexistente, mesmo que elas fossem eminentemente orais. Fato que parece reforçar o papel da escola frente à formação do leitor considerando que ela possibilita:

[...] às crianças, experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; (BRASIL, 2010)

Além do que:

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens... ABRAMOVICH (1995, p. 17)

As crianças ficam fascinadas com as histórias e a maneira como são contadas, numa interação com a história mediada pelo professor (a)/contador(a) de histórias é possível adentrar a história, conhecendo e imaginando os personagens, cenários, contextos, fundir-se e confundir-se com o texto ouvido, etc. O que reforça ainda mais nossa compreensão de que a contação de histórias deve se fazer presente no cotidiano da escola também como fonte de preservação cultural, de construção de valores sociais e morais, serve ainda como estímulo à criatividade, ao desenvolvimento da oralidade e enriquecimento do vocabulário oral e escrito.

Mas, nem sempre a contação de histórias foi vista como uma prática aliada a formação de leitores, assim, seu surgimento nos leva aos tempos mais remotos, ainda não marcados pelo surgimento da escrita, de modo que este tipo de prática sempre fez parte da vida dos seres humanos, onde o ato de contar histórias

contribuiu para que as mais diversas histórias populares não fossem esquecidas ao longo dos séculos, passada de geração em geração, sofrendo algumas modificações e adaptações. GOTLIB (1990) nos informa que falar da origem da contação é o mesmo que falar da origem da civilização ao longo da história do mundo, mas sempre de um jeito informal, sem uma intenção de seguir o objetivo de registrar algum fato histórico, só após o surgimento da escrita é que tal fato passa a acontecer. Hoje a contação é vista também como uma espécie de ofício vinculando-se à prática pedagógica e as artes dentre outras tem ocupado cada vez mais espaços diversos para além das bibliotecas e salas escolares, fazendo se presente em hospitais, nas empresas, em festas infantis, e até entre adultos que se reúnem em rodas de leituras, etc.

1. 4 – O contador de histórias e as estratégias da contação

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais.

FANNY ABRAMOVICH

A importância da contação de histórias vai além do desenvolvimento cognitivo das crianças, como supracitado. Alerta ABRAMOVICH (1987) para a possibilidade da identificação do desenvolvimento psicoafetivo do ouvinte porque a escuta muitas vezes provoca o reconhecimento de semelhanças entre ouvinte e personagens. Trata-se de um harmonioso momento de interação onde ficção e vida real se fundem e confundem-se. No entanto, essa interação só acontecerá se o contador demonstrar emoção e envolvimento no ato da interpretação, contagiando as crianças e trazendo-as para o universo literário apresentado, aí sim elas poderão sentir, pensar, alegrar-se, entristecer-se junto com as personagens. De acordo com ABRAMOVICH (1987), o contador tem que saber como se faz, não se trata de uma pura e simples leitura oralizada de um texto qualquer, mas de um texto que tem, que ganha vida e por isso não é “lido”, mas “vivido”.

E, considerando que um dos principais objetivos do ato de contar histórias é despertar as emoções do ouvinte como possibilidade de reconhecer e ou experimentar novas sensações, observamos que elas são despertadas através da

entonação vocal, das expressões faciais e posturas corporais, de tal maneira que se faz necessário ao contador, desenvolver certas habilidades. ABRAMOVICH (1987) afirma que o contador deve:

- Estar familiarizado com história e não se pode pegar o primeiro livro que se vê na estante;
- Não empacar ao pronunciar o nome de algum personagem;
- Não dar pausa nos lugares errados da história;
- Não ficar escandalizado com uma determinada fala ou gaguejar;
- Dialogar sobre a história, explorando o que as crianças compreenderam e o que sugerem a respeito da história e de seu final.

Tais orientações vão contribuir para a formação do contador favorecendo o seu bom desempenho no momento da contação. Além disso, é importante que o professor/contador de histórias elabore objetivos ao trabalhar com esta prática, a partir do que RITER (2009) propõe, aplicando os roteiros de leitura com quatro etapas, a **motivação** que deve ser uma atividade que desenvolva o interesse em conhecer aquela história, a **leitura** que deve proporcionar algumas paradas estratégicas no decorrer da história proporcionando um diálogo sobre a mesma, a **exploração** que traz atividades relacionadas com o texto fazendo uma interpretação maior do mesmo e a **extrapolação** que são atividades que desenvolvem a criatividade e o lúdico de forma espontânea. A partir disso, espera-se que ao contar uma história, o contador represente, atue, adote uma postura especial, dando vida às histórias, que se torne um instrumento, um veículo que aproxima o personagem do ouvinte. Neste sentido, é preciso pensar também no espaço, no ambiente onde as histórias são contadas, não se trata de construir distintos cenários, mas, que seja confortável (mesmo sendo a sala de aula) para que todos se sintam bem acomodados e assim permaneçam até o final da história.

Outro fator importante é a escolha dos livros, como já foi dito anteriormente, não se pode pegar o primeiro que aparece na estante, o contador deve conhecê-lo ou se apropriar da história, RITER (2009) afirma que o livro deve ser amado pelo contador e desse jeito haverá uma sintonia entre os dois, o resultado será muito bom para o momento da Contação de Histórias, atraindo a atenção da plateia. Ele ainda diz que é sempre bom começar a história com uma fórmula clássica, a famosa frase *“Era uma vez”* ou *“Há muitos e muitos anos”* e para encerrá-la, *“E entrou por uma porta e saiu pela outra, quem quiser que conte outra”*. Ações ou maneiras de iniciar e terminar a história, um desempenho estratégico e bem planejado pode fazer

do momento de contação, um momento mágico para as crianças e consequentemente contribui para sua formação leitora e social, como afirma BRANDÃO e ROSA (2010) as crianças passam de ouvintes ativos para leitores ativos, isso resulta da apropriação de “um jeito de ler” aprendido nas rodas de histórias. Isso só poderá ocorrer de acordo com a qualidade dos livros escolhidos, além da forma de mediação por parte do contador que deve sempre objetivar sua prática, ou seja, não se deve ler ou contar histórias só para passar o tempo, mas deve haver objetivos a serem atingidos pelas crianças a partir da Contação de Histórias.

1. 5 – A importância da Contação de Histórias para Educação Infantil

Quando uma criança escuta, a história que é contada penetra nela simplesmente como história. Mas existe uma orelha que conserva a significação do conto e o revela muito mais tarde.

LOUIS PAWELS

Com as transformações sofridas ao longo dos tempos, o ensino na Educação Infantil passou a desempenhar o papel de cuidar e educar numa perspectiva voltada para o âmbito pedagógico, na intenção de contribuir para a formação de um cidadão apto para a sociedade atual. Como já foi dito anteriormente, o cuidar está ligado à higiene, atenção, carinho e alimentação, contribuindo para o desenvolvimento da criança, já o educar se volta para o intelecto, através da apreensão de novas palavras, com o contato com os livros, além dos primeiros passos para adentrar esse universo, subindo os degraus da leitura e da escrita. De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998) é através das instituições de Educação Infantil que se abrem ambientes propícios para a criança desenvolver-se integralmente. As instituições de ensino não podem ser um espaço apenas assistencialista e sistematizado, mas um lugar que contribua para o desenvolvimento pleno de uma criança, desde suas habilidades intelectuais e motoras à sociabilidade. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), afirmam que as instituições de ensino devem possibilitar às crianças o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, a saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras

crianças. Dentro dessa perspectiva apresentada na Educação Infantil se encaixa a Contação de Histórias, que pode possibilitar às crianças novas concepções de conhecimento sobre tudo que está a sua volta. ABRAMOVICH (1987), afirma que:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... (p. 17)

Contar histórias é uma arte, uma arte que evoluiu ao longo dos tempos e que provavelmente não deixará de estar presente no convívio social entre as pessoas e muito menos na prática pedagógica. Ao adentrar o universo escolar, a contação contribui para vários aspectos já mencionados nesse trabalho, é um instrumento precioso, que segundo ABRAMOVICH (1987), estimula o desenhar, o musicar, o pensar, o teatralizar, etc. Por isso mesmo uma história não pode ser apenas lida ou contada sem que o contador não se envolva ou repasse emoção para seus ouvintes, pois a partir do momento em que o contador conta a história, ele permite que além de conhecer aquele universo literário (apresentado pelos livros), a criança se constitua como leitor. Por tudo isso, consideramos ser de suma importância que a prática da Contação de Histórias esteja presente no cotidiano das salas de aula por ser um canal de inserção das crianças ao mundo literário.

2 - Metodologia

A partir dessa necessidade de investigação da prática de contação de histórias na Educação Infantil, desenvolvemos esta pesquisa buscando identificar se essa prática contribui para a formação de crianças de 4 e 5 anos como leitoras. Tendo o intuito, com essa pesquisa de investigar a rotina dos alunos referente aos momentos de contação, além dos interesses das crianças pela leitura resultante da contação de histórias no cotidiano da sala de aula, caracterizar o trabalho da professora/ contadora de histórias e a sua contribuição para a formação e o desenvolvimento de sua turma de Educação Infantil, sendo esses nossos objetivos para o desenvolvimento deste trabalho. Nossa pesquisa se iniciou com levantamento bibliográfico sobre o tema e principalmente a respeito da análise dos

conteúdos inerentes a pesquisa. GIL (2002), diz que esse tipo de levantamento é preliminar e também pode ser chamado de exploratório, tendo como finalidade proporcionar a familiaridade do investigador com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação.

Após o levantamento bibliográfico preliminar, para aprofundar o tema visando compreender o nosso objeto de pesquisa e alcançar nossos objetivos, fomos ao campo investigativo realizando um estudo de caso, que é uma estratégia metodológica que ajuda a compreender com detalhes o objeto a ser estudado. Inicialmente buscamos em MARTINS (2008), as orientações sobre como proceder. E de início, ele destaca que o trabalho é precedido por um detalhado planejamento, que incluirá todas as ações que serão desenvolvidas até sua conclusão. Araújo (2008) cita Yin para afirmar que esta abordagem se adapta à investigação em educação, quando os investigadores encontram variáveis consideradas importantes e procuram-se respostas para como? E o porquê? Além de descrever e analisar aquele fenômeno.

Fizemos oito visitas ao campo observando as aulas e os momentos de contação de histórias, entrevistamos os sujeitos de nossa pesquisa, a professora e seus alunos, além de uma ADI, a gestora e a coordenadora. Planejamos dois momentos de contação de histórias e aplicamos, o que nos possibilitou compreender o quão importante é o trabalho da professora/ contadora de histórias e o processo de formação em que seus educandos estão envolvidos. Adiante, iremos detalhar os procedimentos metodológicos que foram adotados para coleta e análise dos dados, além de caracterizarmos os sujeitos desta pesquisa e o motivo da escolha dos mesmos.

2.1 – Caracterização e escolha dos sujeitos

Em nossa pesquisa focamos a atenção em uma professora e em sua turma, composta por 19 alunos de uma creche da Rede Municipal de Recife. A escolha por esta professora para nossa pesquisa partiu através de uma palestra realizada pela mesma em nossa turma, quando realizamos a disciplina de PPP – VI / Estágio na Educação Infantil. Já mostrávamos o interesse pelo nosso tema de pesquisa, mas a partir da fala desta professora sobre sua prática com a Contação de Histórias, nos despertou a certeza de que este seria nosso tema e que a sua prática seria

investigada por nós. Definindo o local da pesquisa e os sujeitos, que além da professora e de sua turma, também fizeram parte de nossa pesquisa, a gestora, a coordenadora e a auxiliar de desenvolvimento infantil. A professora com seus 25 anos de magistério e uma bagagem repleta de experiências, procura estar sempre atualizada nos métodos de sua prática, se mostra uma apaixonada pelo que faz e aplica sob sua prática o desejo literário, despertando em seus alunos o gosto pela leitura, é uma leitora permanente e está sempre em contato com os livros, livros que ajudem na compreensão e direcionamento de sua prática, livros para deleite próprio e livros para deleite e formação de seus alunos, isso facilita ainda mais sua prática, pois segundo RITER (2009), é necessário que o professor seja apaixonado pela leitura e que tenha plena consciência de que ler faz uma grande diferença na vida de um leitor que está em formação.

Ela trabalha com a contação de histórias, promovendo também as rodas de histórias para que as crianças deem palpites sobre as histórias e as recontem, além de objetivar a leitura, o que é muito importante, pois não se pode apenas trabalhar com contação sem alguns objetivos, se utilizar de uma prática apenas para ocupar o tempo e aquele momento ficar solto na rotina dos alunos, mas objetivando esta prática todo o momento terá um sentido e um pra quê. Espontaneidade é algo que está presente no desenvolvimento das crianças nos momentos de contação, elas ficam integralmente envolvidas. Como anunciado anteriormente, as crianças têm entre 4 e 5 anos, a maioria entrou nesta instituição antes de completar o primeiro ano de vida, e outras no ano passado, são crianças muito ativas, com boa fluência verbal e uma excelente capacidade de interpretação das histórias e conteúdos desenvolvidos nas aulas. Elas gostam muito do faz de conta, do imaginar, do brincar, são curiosas e querem aprender sobre tudo o que há em sua volta. Cada uma com sua particularidade, mas com o mesmo interesse pela Contação de Histórias. Nós também entrevistamos a gestora, a coordenadora e a auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) que acompanharam todo o desenvolvimento e evolução desta turma e o trabalho da professora. A gestora e a coordenadora são formadas em Pedagogia e tem entre 15 a 20 anos de exercício no magistério. Elas mostram um total apoio e envolvimento no trabalho da professora, pois esta instituição tem um planejamento voltado para uma prática que promova a formação de um leitor autônomo e o trabalho desenvolvido acontece porque foi previamente

elaborado e planejado para que fosse realizado desta forma, ou seja, não acontece aleatoriamente e de qualquer jeito, ambas trabalham juntamente com sua equipe de professores com o intuito de oferecer aos alunos uma proposta verdadeiramente eficaz. A ADI interage em conjunto com o trabalho da professora, acompanhando todo o desenvolvimento do trabalho docente, o que só fortalece o desenvolvimento e a formação leitora das crianças.

2.3 – Procedimentos

Toda a escolha para a elaboração e realização da pesquisa se fez a partir das nossas experiências (como já foi dito anteriormente) e do interesse pelo assunto se pensou em como se realizaria essa pesquisa para obtenção dos dados, com isso elaboramos um roteiro para as observações, desenvolvemos e realizamos as entrevistas semi estruturadas, com a intenção de nos aproximarmos de nosso objetivo principal, dentro dessa perspectiva citamos ALVES apud LÜDKE E ANDRE (1986, p. 34), que dizem:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. [...] a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam eficaz na obtenção das informações desejadas.

Antes da realização das entrevistas fizemos três observações, onde nos focamos nos momentos que aconteciam antes, durante e depois da Contação de Histórias, sempre no período da manhã, contribuindo para analisar a interação das crianças durante todos os momentos com esta prática, além de descrever a rotina da professora, dos alunos e caracterizá-los. As entrevistas foram realizadas no período da tarde, com os seguintes sujeitos: a Gestora, a Professora, a Coordenadora, a ADI e as crianças. A professora colaborou bastante, contribuindo para alcançar os nossos objetivos na pesquisa. As entrevistas com a gestora, a coordenadora e a ADI também foram de muita importância, pois todas acompanham o trabalho desenvolvido pela professora, principalmente a ADI que acompanha desde início a turma, conhece as crianças, seus comportamentos e trouxe assim contribuições importantes com as suas respostas. Para fazer as entrevistas com as crianças primeiramente pedimos a autorização aos pais, após as autorizações

realizamos as entrevistas em uma semana, diferentes dos adultos, elas têm seu tempo, pois com algumas não tivemos dificuldades realizando em meia hora a entrevista, mas com outras tivemos que terminar em um ou dois dias seguintes, pelo simples fato das crianças não responderem o restante das perguntas, e dizer: “tia depois eu respondo o resto, tá?”. Tendo assim que respeitar o seu tempo, pois suas respostas teriam que ser espontâneas para contribuir com a nossa pesquisa. Para realizar a entrevista com elas, achamos que seria melhor fazer com um pouco mais de 25% da turma, ou seja, com 6 alunos, pois, inicialmente pensamos em realizar as entrevistas com as 19 crianças, o que traria uma dificuldade, realizar entrevistas com crianças requer tempo e alguns cuidados, como o respeito ao tempo da criança, que permite que o entrevistador obtenha respostas espontâneas, onde PEREIRA apud CARVALHO (2004) analisa que o uso das entrevistas com crianças no campo qualitativo ainda é uma técnica relativamente pouco explorada na literatura, inclusive porque a criança é pensada como incapaz de falar sobre suas próprias preferências, concepções ou avaliações. Como o conhecimento sobre a criança tem tomado espaço, essa ideia sobre as crianças em entrevistas tem sido questionada e explorada crescentemente. De acordo com PEREIRA apud CARVALHO et al. (2004), ao explorarem o recurso da entrevista, concluíram que:

A qualidade do dado colhido depende, entre outros fatores, da qualidade da relação entre o entrevistador e o entrevistado; mas sugerem, principalmente, a disponibilidade e motivação da criança para esse tipo de instrumento de coleta, desde que condições favoráveis de interação sejam oferecidas. [...] A entrevista é o principal instrumento de coleta, na medida que se deseja apreender as concepções e percepções da criança sobre determinado fenômeno ou situação; [ela] complementa a análise da observação direta do comportamento, oferecendo pista para a compreensão de seu processo de desenvolvimento, a partir de seus comentários e justificativas.

Sabendo da importância deste instrumento para obtenção dos resultados de nossa pesquisa, compreendemos que todas se encaixavam nos critérios que estabelecemos, pois a partir de nossas observações percebemos a interação nos momentos de contação, recontar e interpretar a história e o interesse pelos livros e pela leitura. Então fizemos o sorteio para a realização das entrevistas com 3

meninas e 3 meninos. Todos esses procedimentos realizados a partir deste estudo de caso permitiram observar as questões objetivas sem deixar de lado a subjetividade das crianças, sua interação com a prática e as contribuições desta prática para o seu desenvolvimento.

3 - Análises dos resultados

A análise dos resultados através das entrevistas apresenta o intuito de encontrar respostas para as seguintes questões:

- Qual a influência que a contação de histórias tem sobre a formação de um futuro leitor da Educação Infantil?
- Qual o interesse das crianças a partir da prática de contação de histórias no cotidiano da sala de aula?
- Qual a contribuição do trabalho da professora para a formação e o desenvolvimento de seus alunos?

A partir das respostas obtidas construímos uma tabela de significação para facilitar a compreensão da análise, onde criamos categorias que facilitaram analisar e interpretar os dados a partir de uma análise de conteúdo, que segundo BARDIN (2009) seria um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não), que permitam inserir conhecimentos relativos às condições de produção e a recepção destas mensagens inseridas no conteúdo.

Exemplo: Tabela de significação

Contação de histórias e a formação de leitores	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças 	<ul style="list-style-type: none"> • O sentimento em relação a Contação • A relação com os livros • A professora
	<ul style="list-style-type: none"> • Professora e ADI 	<ul style="list-style-type: none"> • O gosto das crianças pelas histórias • A variedade dos livros • Os objetivos da Contação
	<ul style="list-style-type: none"> • Coordenadora e Gestora 	<ul style="list-style-type: none"> • As contribuições do momento de Contação • A criança e a autonomia com os livros • A escolha dos livros

Através das categorias e das subcategorias, identificamos nas unidades de registro através de fragmentos das entrevistas, características que contribuiriam para contextualizar com nosso referencial teórico, dentro da unidade de contexto e fazendo a ligação entre os objetivos e o os resultados. De acordo com FRANCO (2008) as unidades de registro são a menor parte do conteúdo, onde ocorre as categorias que são levantadas, podem ser diferentes, mas interrelacionadas e complementares e a unidade de contexto seriam o pano de fundo que apresenta significado a análise.

A partir de todo o processo de análise dos dados coletados estabelecemos as seguintes categorias:

1. O sentimento e o desenvolvimento das crianças em relação a contação de histórias.
2. O olhar da coordenadora e da gestora sobre a prática de contação de histórias desenvolvida nesta turma.
3. Análise da professora e da ADI, sobre a prática desenvolvida e o desenvolvimento das crianças.

3. 1 – A contação de histórias sobre os olhares dos sujeitos da pesquisa

A maioria das crianças entrevistadas acha melhor quando a professora lê a história para elas, pois tem vontade de ver e estar em contato com o livro. Além disso, quando a professora lê e não mostra o livro eles criam expectativas e imaginam as situações expostas no livro, imaginam o personagem e criam a história na sua mente. Isto é bem visível neste depoimento de uma menina de 5 anos, chamada Rafaela (nome fictício):

“Sinto os personagens, traz alegria e aprendo mais. Fico curiosa em ver o livro e ver se é igual ao que eu imaginei”.

Entendemos perfeitamente através desse depoimento como é importante o contar histórias com os livros para estas crianças, ou seja, o contato com a história apresentando o objeto livro. Eles têm o interesse em querer comparar o que ouviram com o que está no livro, tanto em relação a personagens, as figuras e cenários como também as palavras e as letras, o que vem facilitando também a ampliação do vocabulário e na própria apreensão da leitura, pois há várias crianças que já soletram e uma com leitura fluente, pois de acordo com BRANDÃO e ROSA (2010) o trabalho com rodas de leitura permite que as crianças aprendam sobre a direção da escrita, localizando letras e palavras conhecidas. Como nos informa a gestora em seu depoimento abaixo:

“O contato diário com os livros é algo que já faz parte da rotina da instituição. Com isso, as crianças já dão seus primeiros passos para o mundo da leitura, tendo a perspectiva de compreender o mundo que a cerca. Além disso, percebemos nelas uma mudança no vocabulário, no gosto pela leitura e na interação com os outros”.

As crianças gostam de tudo que a professora faz, o que indica uma convivência harmoniosa entre professora e seus alunos, mas analisamos que a principal preferência em relação a gostar da prática de Contação de Histórias, é porque gostam de imaginar as histórias e estar em contato com livros. Mesmo sendo uma prática muito presente na instituição em que eles estão inseridos, tornou-se algo ligado ao seu cotidiano e que favoreceu seu desenvolvimento, por isso citamos ABRAMOVICH (1987), que diz:

[...] é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão de mundo. (p. 16)

Ao iniciar o processo de Contação de Histórias se estabelece um momento de magia entre a crianças e a professora, no contar, em ler e recontar, é visível aos olhos de outros sujeitos da pesquisa (além das crianças), essa interação das crianças, da professora e dos momentos de Contação de Histórias, na fala da gestora percebemos a importância deste momento para o desenvolvimento da criança, enquanto ser humano, na interação com as outras crianças. Elas interagem no momento de contação, se envolvem querendo recontar, dar opinião sobre a história, questionando e entendendo muito bem o que acontece. É nas atividades de exploração e extrapolação onde as crianças mostram o que compreenderam participando ativamente de tudo que é proposto, além de mostrar o gosto pela leitura, boa parte delas já apresenta um conhecimento acerca do alfabeto e das sílabas, há várias crianças que soletram, elas já conhecem a escrita de seus nomes e de muitas palavras através dos livros que são trabalhados e uma das crianças já apresenta leitura fluente. O principal objetivo da professora com esta prática, é permitir que as crianças ampliem seu conhecimento sobre as mais variadas temáticas abordadas pelas histórias, permitindo assim, uma ampliação do conhecimento de mundo através do universo literário, usando a leitura e a interpretação e por se tratar de uma prática diária ela tem duração em média de 30 a 50 minutos, mais do que isso leva a dispersão.

Para a professora, o contato diário com o mundo da leitura, permite que as crianças explorem o livro, lendo, relendo, contando a história para outras crianças, assim se forma o leitor autônomo, crítico e criativo, além disso, RITER (2009) afirma que:

... só formaremos leitores se acreditarmos na importância de tal façanha. E só acreditaremos, visceralmente, se formos leitores. E uma vez contaminados pelo vírus da leitura, não há mais cura. É doença pra sempre... O professor que pretende formar leitores deve sempre andar munido com uma seringa com sangue contaminado, a fim de inocular seus alunos, a todo o momento com o vírus da leitura. (p. 75)

Elas também mostram interesse com os livros antes e após o momento de contação, no discurso da coordenadora fica evidente que há um interesse das crianças em estar em contato com os livros, em procurar e conhecer novos livros na estante. Como a instituição se compromete com essa prática, então não é acaso que as crianças se desenvolvam com a mesma. No discurso da gestora e da coordenadora as crianças se mostram autônomas e já dão os primeiros passos na aquisição da leitura e da compreensão de mundo, interagindo com o outro e com o mundo que as cerca. Sobre a escolha dos livros, depende muito da criança e da maneira como a professora apresenta aquele livro à sua turma, pois às vezes o livro é para uma faixa etária menor que a das crianças, mas elas acabam se encantando com a história.

A Professora nos informou o quanto às crianças gostam de ouvir histórias e que desperta uma forma de expressão única na turma. Os livros que são lidos para as crianças são os mais variados possíveis, podendo ser de contos de fadas, contos da Amazônia, histórias africanas, entre outros, o que aliado ao trabalho da professora permite uma participação ativa nos momentos de Contação de Histórias. A contação contribui para vários aspectos mencionados nesse artigo, é um precioso instrumento, por isso uma história não pode ser contada ou lida de qualquer jeito, o contador deve se envolver, repassar emoção para os ouvintes. De acordo com ABRAMOVICH (1987) o contador:

[...] não pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura demonstrar que não está familiarizado com outra palavra, empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar. ... (p. 18)

Com a Contação de Histórias, a professora visa estimular o interesse pela leitura e a ampla compreensão sobre a temática trabalhada sempre apoiada em outros objetivos vinculados a contação, leitura e escrita. Para se tornar um leitor autônomo, ela acredita que ler sempre para as crianças e os livros estarem presentes em todos os cantos da sala ou da instituição por onde as crianças passarem, além de permitir que eles leiam ou contem, recontem, fazendo perguntas que ajudem a compreender o texto da melhor maneira, fazendo uma exploração sobre no livro, seriam aspectos que contribuem para a formação desse leitor autônomo.

Há diferença entre o contar e ler a história, que acontece de acordo com a maneira que a turma reage em relação às duas formas, a diferença entre o ler e o contar histórias estaria no "jeito de ler" aprendido nas rodas de histórias fomentado por BRANDÃO e ROSA (2010) que possibilita o desenvolvimento de ouvintes ativos em leitores ativos que parte da escolha do material trabalhado e do modo como a professora vem mediando a sua prática de Contação de Histórias. Além disso, essa diferença se mostra quando se apropriam da história para contar, tendo a oportunidade de criar, de usar mais a voz e dos gestos, usar fantoches e os mais variados objetos trazendo uma dinâmica de criatividade para a história, permitindo uma participação ainda maior das crianças na história, podendo recontar e criar. Já quando se lê a história, elas ficam atentas, mas sua maior atenção é com o livro, em estarem em contato com o objeto livro, as imagens, as letras e, além disso, há preocupação da professora em se manter fiel a história quando ela lê, há um interesse maior das crianças, mesmo que haja uma menor participação, pois, seu interesse está nos livros e em conferirem se o que imaginaram está de acordo com o que tem no livro.

O diferencial entre o ler e o contar está no trabalho que é desenvolvido na instituição e pela professora, estimulou o gosto pela leitura, mesmo naquelas que não sabem ler ou soletrar, mas criaram o hábito de estar em contato com o universo literário através dos momentos de Contação de Histórias, que contribuem na sua formação, enquanto leitor autônomo e no seu desenvolvimento social. A partir da análise de resultados, percebemos que esta prática apoiada num planejamento bem elaborado

que não a transforme em algo metódico e mecânico só fortalece ainda mais a prática pedagógica nesta Etapa Básica do Ensino, contribuindo para o desenvolvimento da criança, além de estimular o acesso à leitura e a aprendizagem da mesma, se apresenta como uma maneira eficaz de formar sujeitos críticos e leitores ativos.

Considerações finais

Considerando tudo que foi estudado, planejado e pesquisado, chegamos à conclusão de que a Contação de Histórias fortalece a prática da professora e contribui para a formação de seus alunos como leitores, fortalecendo sua inserção ao mundo literário e o gosto pela leitura, além de favorecer no desenvolvimento e na interação social entre a turma e as demais crianças da mesma instituição de ensino. Esta prática, principalmente quando guiada inteiramente pelo livro em sua forma concreta, desperta um interesse ainda maior das crianças, que querem estar em contato com ele, comparando a história contada e imaginada com aquela que está impressa naquele objeto, o livro.

Percebemos que através da Contação de Histórias, as crianças adentram um universo de magia e aprendizagem que acontecem de forma natural, contribuindo para a construção de um vocabulário, para os primeiros passos na aprendizagem da leitura e da compreensão de mundo através das ideias que as histórias apresentam, e principalmente pelo trabalho desenvolvido pela professora, com a ajuda da equipe que a auxilia e coordena seu trabalho, como a Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI), as estagiárias, a gestora e a coordenadora. A Contação de Histórias é um instrumento importantíssimo, principalmente para o processo de aprendizagem durante a Educação Infantil, ela contribui para os diversos aspectos já citados ao longo deste trabalho, mas acreditamos, através de nossa pesquisa e das experiências vivenciadas ao longo desta jornada pedagógica, que o ouvir histórias te conduz a um mundo imaginário, te ensinando a compreender diversas temáticas que estão inseridas naquela história e que desperta um gosto pela leitura, por estar em contato com livros.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

ALVES, Gilvania Francisca. **As práticas docentes de estratégias de leitura na educação infantil**. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

ANTUNES, Celso. **Educação Infantil: Prioridade Imprescindível**. Petrópolis, RJ: vozes, 2007.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRANDÃO, Ana Carolina Perussi. ROSA, Ester Calland de Sousa, Organização. **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referenciais curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação: Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 8 ed. 2013.

FRANCO, Maria P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: 3ª edição, Liber Livro Editora, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. São paulo: Ática, 1990.

KAHLMAYER – MERTENS, Roberto S... Let Al I. **Como elaborar projetos de pesquisa: linguagem e método**. Rio de janeiro: Editora FGV, 2007.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Dois pontos editora LTDA, 1987.

MACHADO, Maria Lucia de A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2008.

MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

PEREIRA, Reginaldo Santos. **A pesquisa na escola com crianças pequenas: Desafios e possibilidades**. Dissertação de mestrado acadêmico em educação. Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

RAMOS, ANA CLAUDIA. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** Dissertação de mestrado acadêmico em educação. Universidade Estadual de Londrina, Biblioteca depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UEL. Londrina, 2011. <http://bancodeteses.capes.gov.br/> consulta em 16/07/2014.

RIGLISKI, Adriane, Schreiber. **Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento das linguagens na infância**. TCC. Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012. Consulta em 22/10/14.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. 1ª Ed. São Paulo: Biruta, 2009.

